

## Especial

No mês da consciência negra, contamos histórias de famílias inter-raciais, que, entre desafios e alegrias, destacam resiliência e amor no enfrentamento ao racismo e na construção de uma sociedade inclusiva e empática

POR IANDARA PIMENTEL SANTANA\*  
E IZA CARVALHO\*

**A**o desbravar os contextos de famílias inter-raciais brasileiras, descobre-se que a harmonia muitas vezes se encontra na aceitação e no entendimento mútuo, mas também nos confrontos necessários para desconstruir estereótipos enraizados. É no seio desses lares que a consciência racial se faz ainda mais necessária no cotidiano para (re) construir e desafiar as amarras do preconceito.

No Brasil miscigenado, as famílias inter-raciais vivenciam uma narrativa complexa, em que a autenticidade da identidade dos descendentes, geralmente com pele mais clara, é erroneamente questionada. A história de Messias Carvalho, 34 anos, diretor executivo de uma agência de comunicação, e da professora de ensino infantil Rafaela Sousa, 36, é uma narrativa rica em experiências que destacam a importância da diversidade e da conscientização racial na formação dos sobrinhos, Sophie, 5, e Guilherme, 2. A abordagem do casal concentra-se na incorporação da negritude positiva e na educação das crianças sobre a miscigenação e a beleza presente nas diferenças.

Rafaela compartilha sua experiência de crescer em uma família inter-racial, com o pai negro e a mãe parda, enfatizando a positividade em relação à cor da pele e ao cabelo cacheado. Ela destaca o impacto positivo do ambiente de reforço na infância, mas também aborda desafios na vida adulta, incluindo preconceitos. Um exemplo disso foi quando questionaram seu profissionalismo ao usar um turbante em sala de aula durante uma atividade sobre consciência negra.

Messias, por sua vez, destaca a trajetória de privação social que sua família enfrentou na infância e como, ao se tornarem adultos e obterem acesso a novos ambientes, passaram a perceber com mais clareza o preconceito racial.

A discussão sobre a influência literária na vida das crianças é abordada por Rafaela, que sempre foi influenciada por sua família a gostar de leituras.

Messias e Rafaela com os sobrinhos, Sophie e Guilherme, e as mães Maria Altina e Teresinha: todas as cores



# A consciência racial no lar

“Embora ainda não saibam ler, as crianças já identificam palavras e seus significados. Sophie, aos 3 anos, explorou livros pedagógicos sobre cabelos, como *A menina bonita do laço de fita*, e obras sobre diferentes cores. Essas leituras ajudaram a valorizar o próprio cabelo, independentemente da textura. Esse reforço também é estendido ao Guilherme, promovendo a identificação positiva.”

A história também destaca o contexto multicultural da família, composta por pessoas de diferentes tons de pele e origens étnicas. A recente inclusão de um concunhado angolano enriquece ainda mais essa diversidade cultural. A mãe da Sophie, sobrinha mais velha de Rafaela, comenta em família que Sophie aprecia a diversidade da família, valorizan-

do sua pele mais escura, em contraste com a pele mais clara da mãe, e o cabelo cacheado.

“Reconheço que há um longo caminho a percorrer, por isso sou defensora da causa, especialmente no mês da consciência negra. Trabalho ativamente com meus alunos e sobrinhos, e o tema é constante em nossa família. Essas experiências impactam e destacam a importância de compartilhar, aconselhar e promover a conscientização negra, pois é parte de nossa cultura e história. Minha perspectiva é a de incluir outras pessoas nessa visão.”

Messias conta que sua mãe, Teresinha, retornou à escola este ano e, agora, está na quarta série, com 70 anos. “Ela, inclusive, desenvolveu uma série de trabalhos neste mês na escola. Estava ajudando-a a interpretar um texto chama-